

Artista baiano mostra leitura de Artaud em videoperformance

FERNANDO OLIVA
da Redação

O 11º Video-brasil — de 12 a 17 de novembro no Sesc Pompéia —, não reúne somente criações dos grandes nomes da videoarte internacional.



"Bardo", obra do artista plástico baiano Marcondes Dourado, vai dividir as atenções do público com os consagrados Nam June Paik (Estados Unidos), Keiichi Tanaka (Japão) e Michel Jaffrennou (França).

Dourado, com 22 anos, foi descoberto pela produção do festival em Salvador e é considerado, senão uma revelação, pelo menos uma das promessas desta edição do evento.

Sem nunca ter tomado contato com qualquer tipo de experimentalismo em vídeo, ganhou uma câmera VHS do pai há cerca de dois anos e começou a produzir, já sem nenhum compromisso com narrativas ou imagens convencionais.

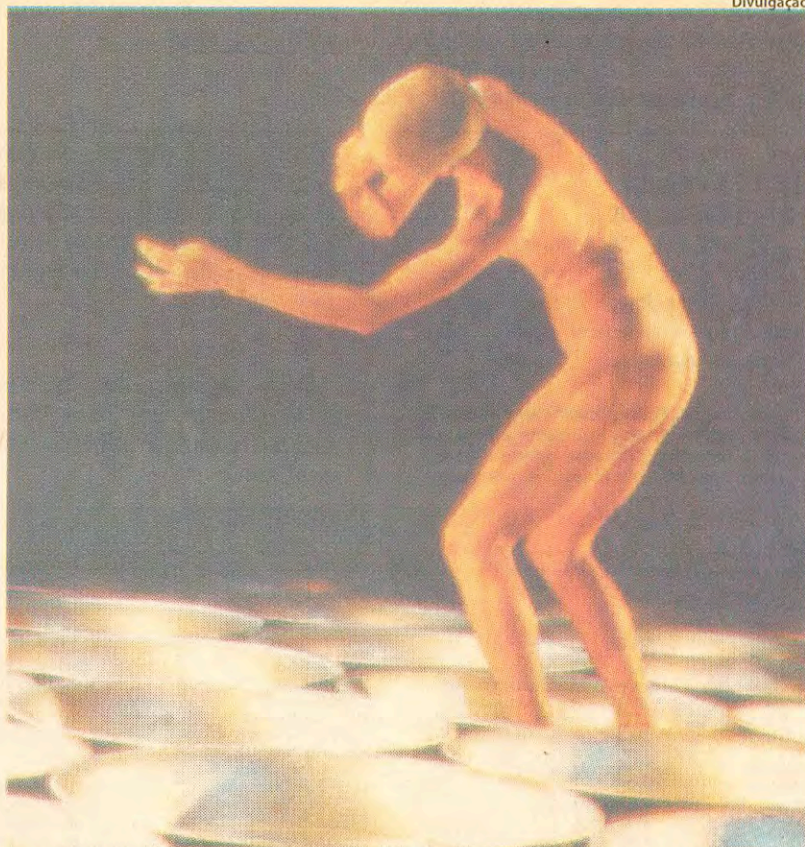
"Bardo", sua videoperformance mais recente, marca a estréia de Marcondes em São Paulo e mistura as linguagens da dança, vídeo e teatro. O espetáculo é baseado nos textos "Os Sentimentos Atrasam", "Loucura e Magia Negra" e "O Teatro e a Ciência", todos do dramaturgo francês Antonin Artaud (1896-1948).

Em "Bardo", a dançarina Sandra Del Carmen, também da Bahia, movimenta-se por meia hora à frente de um telão, sobre bacias de metal cheias de água e cabelo.

Nesta entrevista à **Folha**, Dourado opina sobre videoarte, experimentação e "Bardo".

Folha - De que fala "Bardo"?

Marcondes Dourado - Solidão e experiências com eletrochoque. Artaud viveu por mais de vinte anos em clínicas psiquiátricas e descreveu como o seu corpo reagia às sessões terapêuticas. Ele faz uma crítica à sociedade que o colocou nesta situação e como estes trata-



Cena de "Bardo", videoperformance do artista plástico Marcondes Dourado

mentos aniquilam seu pensamento e potencial de criação e contestação. É por isso que a dançarina fica completamente nua, raspada, desprotegida, com bacias de metal, elementos frios e duros, para contrastar a fragilidade do corpo e do ser humano diante de um ambiente hostil e inóspito.

Folha - Como o público tem reagido ao espetáculo?

Dourado - A dançarina que se banha em contato com a água, metal e cabelo cria uma sensação de estranhamento, como que a tentativa de recuperar um fragmento perdido do corpo. O que causa um certo constrangimento no público, certa rejeição dos sentidos.

Folha - Como você chegou à videoarte?

Dourado - Não foi pensado, uma câmera caiu na minha mão, comecei a experimentar e os resultados foram saindo. Eu queria experimentar o vídeo sendo mostrado num espaço fechado, no qual as pessoas fossem totalmente conta-

minadas pela força do vídeo.

Folha - Como assim?

Dourado - A idéia é tirar o espectador de casa e fazer ele chegar até o meu trabalho. Assim como Artaud, que trabalhava muito com elementos sensoriais. Seria superficial demais falar de Artaud de maneira fria, intelectual e racional. Eu precisava de elementos que afetassem as pessoas pelo físico. Mostrar sua força apenas como um vídeo seria um desperdício.

Folha - Você nasceu e cresceu em Salvador. Seu trabalho é mais universal ou regional?

É mais universal. Vivo numa cidade muito rica de elementos estéticos e musicais e as pessoas compõem tipos muito interessantes. Eu sugo a energia própria de Salvador, mas com discussões universais. Não tem nada de folclórico, nem desta baianidade festiva que estamos acostumados a ver. Vivemos condenados a ser baianos, o que prejudica muito a possibilidade de experimentar coisas novas.